

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: 276  
Data: 19.04.86 Pg.: \_\_\_\_\_

# Um vôo devolveu Guli a seu povo

Atenéia Feijó

**B**RASÍLIA — No Dia do Índio, que se comemora hoje, Guli, um dos 18 mil terenas brasileiros, pede licença para observar que todas as leis que tratam da vida dos indígenas do país foram criadas e redigidas pelos brancos. O cerco à sua gente é tal que ele próprio — agora um respeitado líder entre os índios e os indigenistas — passou a utilizar um dia a identidade de uma outra raça, o que a sua configuração física e os olhos amendoados facilitavam. Era ainda um menino. Só muito mais tarde descobriu que era índio. O impacto da revelação lhe indicou um caminho: ir à luta em defesa dos seus iguais. No Dia do Índio, Guli — ou Marcos Terena, como é mais conhecido — conta a sua história, uma saga que tem um tanto dos mistérios das lendas do seu povo.

Como Mariano Marcos, filho de Felipe e Madalena, que na aldeia tinham os apelidos familiares de Ne-e-Né e Tenó, o menino Guli chegou a Campo Grande, Mato Grosso do Sul, levado por missionários ingleses para fazer o curso primário. Ali, distante 300 quilômetros do Posto Indígena Taunay, onde nasceu, fez também o ginásial e o científico, driblando a discriminação racial: passava por japonês.

Muitos anos depois, em agosto de 1980, os caiapós lutavam pelas suas terras. Mariano Marcos, aviador civil disponível, foi escalado para pilotar um avião da Funai que tinha a missão de apaziguar os txucarramães da aldeia Kretire, no Xingu. Ele não sabia da verdadeira extensão do conflito: 22 peões do fazendeiro invasor da área indígena haviam sido mortos a flechadas e bordunadas. Ao aterrissar na re-

gião, Marcos entendeu por que finalmente lhe haviam dado a chance de voar: havia risco de vida.

Ele fora aprovado no concurso para ingresso na Academia da Força Aérea, em Natal, Rio Grande do Norte. Durante cinco anos, foi cadete da Aeronáutica, preparando-se para ser oficial aviador. Ao final, foi alijado da carreira, ao ser conceituado "sem capacidade para atividades aéreas militares".

Jogado na sociedade como piloto civil, de repente fazia um pouso forçado num chão onde as suas raízes acabaram por abraçá-lo. Antes, ele taxiara em Brasília:

— Eu batalhava para retornar à Academia, quando alguém me disse que procurasse a Funai. E eu perguntei: O que é a Funai? Descobri então que era índio. Comecei a estudar o Estatuto do Índio, a Constituição, a Convenção de Genebra. Todas as leis indígenas tinham sido criadas e redigidas pelos brancos. Pensei comigo mesmo que naquele momento não havia ninguém mais bem preparado para avaliar o significado delas para os índios. E fui à luta.

Sem hangar nem avião, procurou abrigo na Casa do Ceará (Casa do Índio, no DF), como estudante para o vestibular da Faculdade de Administração, e, depois, como universitário. Nesse período, conheceu os caciques Juruna (xavante), Angelo Iretan (kaingang) e Raoni (caiapó txucarramãe). Era tratado como "patrício" pelos líderes indígenas que durante longas noites relatavam, num português limitado e incorreto, a guerra que enfrentavam para demarcar as terras de seus povos.

Marcos não teve mais dúvidas. Começou a conscientizar os outros estudantes índios hospedados na Casa e iniciou o movimento de resistência aos coronéis que domina-

No Dia do Índio, Marcos Terena conta como se descobriu índio



caderno

# B

vam a Funai. A causa cresceu e se transformou num movimento nacional pela união dos índios.

Desempregado, Marcos tentou ser piloto da Funai. O então presidente do órgão, Nobre da Veiga, disse-lhe que só o contrataria se ele se emancipasse.

— Por que tenho de ser emancipado?

— Porque é tutelado.

— Se durante mais de 20 anos não sabia que era índio, quanto mais tutelado, como abrir mão de uma tutela que nunca tive?

Sem conseguir emprego, o piloto e estudante de Administração Terena procura respaldo no PT. Consegue um salário de Cr\$ 30 mil (em 1981), que dividia com outros estudantes — o carajá Idjarrury e o xavante Tadeu — para elaborar o plano de ação do partido para as questões indígenas. Vê-se diante de divisões ideológicas que desconheciam. Depara-se com discussões sobre Trotsky, Lênin e Marx.

— Para mim, aqueles questionamentos eram um desperdício de tempo.

O episódio nas terras dos caiapós lhe valeu não somente a primeira situação vivida num conflito que gerou mortes, como o emprego de piloto da Funai. Em maio de 1984, na gestão de Jurandir da Fonseca na presidência do órgão, Marcos foi promovido a chefe de gabinete:

— Foi um jogo de inteligência do Jurandir. No dia seguinte ao de sua posse, ele anunciava pela televisão que o conflito na delegacia de Araguaína, no Norte de Goiás, tomada pelos tapinajés, xerentes e kraos, estava solucionado: "O meu chefe de gabinete é índio e está seguindo para lá."

Exatamente há um ano, no dia 19 de abril, Marcos era nomeado pelo então Ministro José Aparecido

assessor especial para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura. Em setembro, durante a Semana da Pátria, conseguiu da Empresa Brasileira de Notícias — EBN — que os índios fossem ouvidos nas línguas terena, xavante, guarani, caiapó e carajá, na *Voz do Brasil*.

— Foi o reconhecimento indireto de que além do português existem outros idiomas no Brasil. Hoje já temos um programa de rádio, *Voz do Índio*, transmitido pela Rádio Nacional da Amazônia, em três idiomas indígenas.

Com o renascimento da identidade de Guli, o terena Mariano Marcos passou a sofrer pelo destino de todos os povos indígenas brasileiros. Com o novo decreto da Funai, as superintendências regionais elaborarão os planos de demarcação das terras jogando os índios à mercê das pressões e dos interesses locais, que deixarão de ser vistos através de uma política de contexto nacional.

Respeitado como líder entre os índios e indigenistas, Marcos Terena denuncia:

— Até 1989 a Eletronorte pretende instalar barragens que vão alagar 17 áreas indígenas em Roraima, Amazonas, Pará, Rondônia e Norte de Mato Grosso. O governo de Roraima já tomou a iniciativa de lotear terras de índios em módulos familiares.

Aos 33 anos, no dia 19 de abril de 1986, Mariano Marcos, um dos 18 mil terenas brasileiros de origens andinas e chaquenhas, nascido na aldeia de Taunay, onde seus pais e seus irmãos ainda o reconhecem como Guli, confidencia:

— Quero morrer lá, próximo ao Pantanal, sentindo o perfume do alecrim, do sabugueiro e do capim-cidreira. De preferência vitorioso.